

Literatura Comparada: o homoerotismo nas obras *O terceiro travesseiro* e *Do começo ao fim*

Job Lopes¹

Resumo: O presente artigo busca refletir o homoerotismo em duas obras contemporâneas: a primeira literária, *O terceiro travesseiro* (2003) de Nelson Luiz de Carvalho e a segunda cinematográfica *Do começo ao fim* (2009) de Aluizio Abranches. O homoerotismo não está reduzido a um grupo identitário. É um desejo que pode se manifestar de várias formas. As relações homoeróticas podem estar constituídas ou não de sentimento, uma vez que o homoerotismo privilegia o afeto, sendo tal estímulo sexual ou afetivo. Assim, o desejo sexual e o afeto entre dois indivíduos do mesmo gênero podem ser considerados homoerótico. Por conseguinte, busca-se refletir as obras elencadas, valendo-se das teorias de Mario Mieli (1978) e Jurandir Costa (1992), ao analisar de que maneira o desejo entre iguais é apresentado e quais os elementos utilizados para exploração do tema.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Homoerotismo; Afeto.

Abstract: The present article seeks to reflect homoerotism in two contemporary works: the first literary, *The third pillow* (2003) of Nelson Luiz de Carvalho. And the second cinematographic *From the beginning to the end* (2009) of Aluizio Abranches. It is understood that homoeroticism is not reduced to an identity group. It is a desire that can manifest in many ways. It is a desire that can manifest in many ways. The homoerotic relations can be constituted or not of feeling, since the homoerotismo privileges the affection, being such a sexual or affective stimulus. The affection between two people of the same gender, be it sexual or not - is homoerotic. The works chosen, according to the theories of Mario Mieli (1978) and Jurandir Costa (1992), when analyzing how the desire among equals is presented and what elements are used to explore the theme.

Keywords: Comparative literature; Homoerotismo; Affection.

Introdução

O estudo debate sobre a condição homoerótica dos personagens nas obras *O terceiro travesseiro* de Nelson Luiz de Carvalho e *Do começo ao fim* de Aluizio Abranches. As narrativas tratam de sujeitos

¹ Doutorando de Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Bolsista CAPES. E-mail: jobliteratura@hotmail.com

que se posicionam com características físicas que mais se aproximam de uma identidade heterossexual do que de uma identidade homossexual. O que leva os personagens ao envolvimento afetivo está relacionado ao desejo homoerótico que se dissipa entre eles.

O terceiro travesseiro de Nelson Luiz de Carvalho apresenta a trajetória de dois colegas, Marcus e Renato, ambos vivenciam uma condição de vida arraigada aos padrões sociais. O personagem de Marcus nutre implicitamente um desejo afetivo pelo colega, o que o torna um sujeito atormentado e angustiado pelo sentimento não consumado, mais que isso, o adolescente inibe seus anseios temendo a rejeição do “Outro”, como pode ser observado no seguinte trecho,

Renato só percebeu que não era brincadeira, quando me aproximei dele e com a minha mão direita comecei a alisar suavemente o seu peito. Visivelmente abalado, ele falou: *O que você está fazendo, Marcus? Você está louco? Completamente.* Daí para frente, e para minha surpresa, ele não falou mais nada e, de olhos fechados, deixou que eu prosseguisse com o meu sonho. Que sensação incrível eu estava sentindo! Me aproximei mais ainda dele e comecei a dar beijos muito curtos e suaves no seu peito. Que tesão! Minha boca mal encostava na sua pele, acho até que ele sentia mais o calor da minha respiração sobre os seus pêlos do que o toque da minha boca. Esse foi um dos melhores momentos da minha vida, tudo parecia mágico (CARVALHO, 2003, p.06).

Os adolescentes passam a se descobrir fisicamente/psicologicamente e a nutrir um intenso afeto, a princípio uma relação platônica e oculta, mas que se torna refletida pelos estudantes, e assim, passa a ser compartilhada com os familiares. Deparando-se com uma sociedade patriarcal e moralista representada no romance pela ira e a rejeição de suas famílias, os jovens são desafiados a lutar pelos seus

sentimentos, dessa forma conquistando a admiração e o respeito dos sujeitos mais próximos como é exposto por Carvalho. O autor utiliza-se de um discurso sutil para explicar o homoerotismo – resultante dos anseios e das inquietações que os meninos vivem e não pelas características e atributos que os levam a serem classificados como homossexuais.

Na obra cinematográfica *Do começo ao fim*, Francisco é filho de Julieta com seu primeiro marido Pedro – que vive na Argentina, o menino passa sua infância muito próximo de seu meio-irmão Thomás, os dois passam a constituir um forte laço que é visto por sua mãe como uma “grande afetuosidade”, entretanto para seu ex-marido gera preocupação, pois ambos possuem uma relação mais que fraternal, um incesto. Os meninos crescem e aos poucos com o auxílio de Julieta, ambos começam a entender os afetos que vão se fortalecendo entre os dois. Analisa-se, que em nenhum momento os jovens mudam suas características físicas para vivenciar essa relação afetiva, mas modificam suas ideias em relação à estrutura familiar na qual passam a configurar.

O homoerotismo na obra *O terceiro travesseiro*

A preferência pelo termo “homoerotismo”, que se aborda nesse artigo, fundamenta-se nos pressupostos do escritor Jurandir Freire Costa, um dos autores responsáveis pela utilização dessa expressão na atualidade,

Teoricamente, como procuro mostrar, homoerotismo é preferível a “homossexualidade” ou “homossexualismo” porque tais palavras remetem quem as emprega ao vocabulário do século XIX, que deu origem à idéia do “homossexual”. Isto significa, em

breves palavras, que toda vez que as empregamos, continuamos pensando, falando e agindo emocionalmente inspirados na crença de que existem uma sexualidade e um tipo de humanos “homossexuais”, independentes do hábito lingüístico que os criou. E-ticamente, sugiro que persistir utilizando tais no-ções significa manter costumes morais prisioneiros do sistema de nomeação preconceituoso que qualifi-ca certos sujeitos como moralmente inferiores pe-lo fato de apresentarem inclinações eróticas por ou-tros do mesmo sexo biológico. Ora, com base em outras convicções, sustento que não temos nem motivos éticos nem teórico-científicos consistentes para defender a legitimidade dessas opiniões. Nesse tópico, advirto, além do mais, que a carga de pre-conceitos contida no uso de palavras como “homos-sexualismo” ou “homossexual” é autônoma em re-lação à intenção moral de quem as emprega. A questão, portanto, não é a de saber qual a crença moral que cada usuário destas noções possui, mas a de mostrar que conseqüências éticas elas acarretam ou que limites são impostos ao que podemos saber sobre o problema, quando nos limitamos a entendê-lo do modo convencional (COSTA, 1992, p. 11).

Ao considerar o termo “homoerotismo”, retira-se a carga ne-gativa e pejorativa que constitui o vocábulo homossexual. Dessa for-ma, o termo visa uma discussão em relação ao desejo por iguais, em detrimento das características sentimentais que constituem o modo de vida de certos indivíduos. O homoerotismo emerge como uma forma de pensar a relação sexual entre sujeitos do mesmo gênero, como uma expressão afetiva, como uma manifestação de ternura, independente da classe, etnia, idade e principalmente identidade se-xual.

[...] por que imaginamos que exista uma atração ú-nica, uniforme e suficiente para definir a identidade sexual, social e moral de uma pessoa por trás de to-dos esses desejos e condutas díspares? Por acaso tal atração é feita de uma “mesma substância”, reco-nhecível em suas propriedades estáveis e capaz de

reproduzir-se e repetir-se emocionalmente em pessoas tão diversas quanto aquelas que acabamos de descrever? O que nessa atração, por exemplo, nos permite saber que “sentir-se atraído e manter relações físicas homoeróticas” e “sentir-se atraído mas não ter proximidade física ou emocional com outro homem” sejam ocorrências da “mesma atração erótica” que torna dois sujeitos “verdadeiramente homossexuais”? Quando se trata de linguagem de sensações e sentimentos sexuais existe algo que pre-exista à própria identificação e ao reconhecimento lingüísticos? É possível imaginar uma “sensação” ou uma “atração homossexuais” cruas, que se impusessem de imediato à consciência do sujeito sem a mediação da linguagem? (COSTA, 1992, p. 29).

Segundo Costa (1992), não há uma forma fixa de atração afetiva, ela pode ocorrer de múltiplas maneiras, independente da identidade sexual do indivíduo, os sujeitos não são moldados exclusivamente por suas atrações, mas por um conjunto de elementos sociais, psicológicos e culturais. Os personagens de Marcus e Renato são construídos na obra *O terceiro travesseiro* com elementos de companheirismo e amizade, porém o desejo e a atração, que Marcus passa a sentir por Renato, o leva a compreender as inquietudes do seu interior. Nessa busca pelo entendimento do “eu”, ele se depara diante de conflitos afetivos, o que desenvolve um envolvimento lúbrico com seu amigo.

O adolescente busca administrar suas emoções, no entanto, seus impulsos sexuais, que se intensificam com o passar do tempo, fazem com que o garoto tenha coragem de se aceitar e a buscar uma relação afetiva e sexual com seu amigo, assim como pode se observar no trecho da obra,

Por vezes, eu não acreditava no que estava acontecendo, apesar de o Renato continuar imóvel e de olhos fechados. Eu tinha aquele corpo só para mim.

Era tanta coisa a fazer, tantos desejos acumulados nos últimos dois anos, que em alguns momentos eu me perdia. Fiz com que ele ficasse de bruços. Que bundinha. Comecei então a massageá-la suavemente, para só depois beijá-la de todos os jeitos que o meu tesão pedia. Novamente comecei a correr com a boca pelo seu corpo, deixando saliva em cada pedacinho daquele território que, naquele momento, era só meu (CARVALHO, 2003, p.06).

Depreende-se, que para os meninos a relação contemplada entre eles causava certo constrangimento, uma vez que Marcus não conseguia acreditar que pudesse realizar um ato sexual com seu amigo. E Renato surpreso com a atitude impulsiva de seu amigo permanecia imóvel e de olhos fechados – numa tentativa de se deleitar do prazer e do carinho recebido, no entanto, sem “confirmar” que um homem pudesse conceber o seu prazer.

Os adolescentes inicialmente procuram se autoconhecer e assim que seus sentimentos passam a se tornar sólidos, eles começam a se aceitar, pois compreendem que essa é a forma de vida, que os fazem realizados e inteiros como sujeitos plenos em seus desejos sexuais e afetivos.

A luta homossexual revolucionária não tem como objetivo conseguir a tolerância social para os *gays*, mas liberar o desejo homoerótico em todos os seres humanos (pois) enquanto houver pessoas ‘normais’ que ‘aceitam’ os homossexuais, a espécie não terá reconhecido o próprio desejo homossexual profundo, não se terá dado conta de sua presença universal e sofrerá irremediavelmente as conseqüências dessa amputação que é repressão (MIELI, 1978, p. 63).

Segundo Mieli (1978), o que os jovens buscam não se estrutura apenas em bases de tolerância social, mas em uma descoberta e acei-

tação de um afeto homoerótico, que ambos passaram a despertar um pelo outro. Um afeto semelhante ao de um homem por uma mulher, pois se configura pelo desejo e pelo prazer físico, bem como, nos sentimentos afetivos de amor e ternura.

O homoerotismo é situado no contexto da obra através de dois amigos que passam a viver juntos essa descoberta afetiva. Assim, é em função das estratégias de dominação patriarcal, da qual os vínculos homossociais são elementos inferiores e imorais, ou até mesmo, designados como invertidos, como eram chamados na antiguidade. De acordo com Jurandir Freire Costa, “Que direito temos nós, sociedade, grupos ou indivíduos, de obrigar quem quer que seja a ser sociomoralmente identificado em sua aparência pública por suas preferências eróticas?” (COSTA, 1992, p.113). Segundo o autor, não há como definir uma identidade somente por desejos sexuais, o que corresponde à ideia patriarcal de denominar identidades a partir de posições sociais que são impostas.

Os adolescentes se tornam vítimas do preconceito familiar – principalmente pela parte maternal de ambas as famílias. Encontra-se a seguir uma breve discussão da mãe de Renato com Marcus, na qual ela explicitamente demonstra sua raiva e desprezo pelo jovem,

No corredor foi ainda pior. Eu estava indo com Carlos para o elevador, quando dona Inês parou à minha frente. Ela continuava muito nervosa e com alterada perguntou: *O que você quer com o meu filho? O show havia começado. Muitas pessoas - entre pacientes, enfermeiras e visitantes - já olhavam para nós. Olha, moleque, você tem idéia da desgraça que você trouxe para a minha família? Não, não deve ter, você não tem educação para isso. A vontade que eu tenho...* Carlos tentou persuadi-la a parar. *Mãe, vamos embora. Pára com isso...* Ela ficou com mais raiva ainda. *E você não se meta na conversa, Carlos. Só o que me faltava agora é você*

também achar que esse delinqüente juvenil está certo! Percebendo a roda de pessoas que se formou à nossa volta, ela falou mais alto ainda: Você está com vergonha, Marcus? Por que não fala para estas pessoas do que você gosta? Uma enfermeira, que estava quase ao nosso lado, pediu para que ela falasse mais baixo, pois ali era um hospital. Ela nem ouviu a enfermeira e continuou: Olha, moleque, eu não quero ver você mais aqui. Aliás, eu não quer ver você nunca mais. Saia já daqui, saia já daqui, saia já daqui! (CARVALHO, 2003, p.06 – grifo do autor).

Analisa-se, que a ira de Dona Inês é motivada pelo motivo de acreditar, que o filho tenha se tornado homossexual, devido à influência do seu amigo, pois no trecho “Olha, moleque, você tem idéia da desgraça que você trouxe para a minha família?” (CARVALHO, 2003, p.06). Ela apresenta sua rejeição, na qual seu filho jamais poderia ter feito à escolha ou ter conscientemente optado por ela, já que, a “desgraça” segundo Dona Inês, foi trazida a sua casa por Marcus, que seria o elemento da discórdia, o causador da ruína de seu primogênito.

Os protagonistas expressam no início da obra um discurso revelador – onde seus corpos são desvelados e passam a ser olhados e tocados de outra forma. Nesse processo, eles se descobrem através dos seus desejos e impulsos, assim, os corpos tornam-se “campos desconhecidos”. Como pode ser refletido no trecho a seguir,

Ele acendeu um cigarro, deu uma tragada e disse: *Sabe o que eu acho, Marcus? No fundo, nós dois somos exatamente iguais. Ontem à noite eu também tive vontade de tocar em você, e só não fiz isso porque me faltou coragem.* Começamos a nos beijar lentamente, enquanto as nossas mãos corriam, também de forma lenta, em descoberta pelos nossos corpos. Nós estávamos namorando. Com as mãos, ele explorou cada detalhe do meu corpo, até me deixar completamente nu, de roupa e de alma (CARVALHO, 2003, p.08 – grifo do autor).

A descrição do corpo e dos estímulos sexuais são características destacadas pelo discurso homoerótico contemporâneo. Verifica-se também, que o “toque”, isto é, o contato sensorial entre eles, é essencial para que um possa entender o outro, e também a si mesmo, “Começamos a nos beijar lentamente, enquanto as nossas mãos corriam, também de forma lenta, em descoberta pelos nossos corpos. Nós estávamos namorando.” (CARVALHO, 2003, p.08). De acordo com os autores Margarita Moreno e Jorge Jiménez Barrientos,

A manutenção da ilusão fálica se traduz numa exacerbação das possibilidades de representação dos atributos do objeto de satisfação, isto é, numa retórica que pretende dar forma ao que causa o desejo. Tenta-se deter o deslizamento da significação que a falta de referencialidade do objeto que causa o desejo produz, sobrevalorizando-se determinadas imagens, numa tentativa de corporificar o falo que, não o esqueçamos, é o significante de uma falta. No discurso homoerótico masculino atual, é preciso destacar que essa ilusão de completude fálica aparece fixada numa série de imagens sempre referidas ao corpo masculino, em especial ao pênis. (MORENO, JIMÉNEZ BARRIENTOS, 1995, p. 37).

A obra apresenta a exploração do corpo masculino, primeiramente na tentativa de fazer com que os protagonistas se conheçam e em segundo, por compor um discurso homoerótico no qual o corpo e a genitália masculina são destacados. A interação pelos corpos é uma maneira que os personagens encontram para confirmar seus desejos, é pelo corpo que eles se afirmam e vivenciam os desejos da psique.

O afeto como elemento central do filme *Do filme do começo ao fim*

A obra cinematográfica *Do começo ao fim* de Aluizio Abranches aborda uma relação amorosa que se inicia na infância, ou melhor,

idealizada a partir do nascimento de Thomás. Com o decorrer do tempo, o convívio dos “meios-irmãos” vai se tornando íntimo, e assim, levando a família a suspeitar de um possível interesse afetivo dos meninos, ainda na infância.

O afeto homoerótico ocorre no longa-metragem a partir de uma exacerbada posição fraterna, que Francisco se coloca ao zelar extremamente pela vida de Thomás, orientando e protegendo, não como um irmão mais velho, mas como um “namorado”. Já Thomás encontra em Francisco um “porto seguro”, o apoio e a proteção que ele buscava.

O carinho mútuo entre eles vai configurando uma intimidade que somente um relacionamento amoroso poderia obter. Assim, vai se desenvolvendo com a rotina um afeto que passa a causar ciúmes, medo, preocupação e desejo. Ainda crianças, os meninos não conseguem compreender o afeto homoerótico que vai despertando em suas vidas, mas conforme vão adquirindo uma maturidade existencial, os jovens passam a vivenciar sexualmente esse desejo que os une.

Para o autor David Le Brenton o corpo seria o ponto crucial de uma relação homoerótica, pois será nele que o desejo e o prazer entre iguais irá se concretizar,

Como o corpo é o lugar da ruptura, outorga-se-lhe o privilégio da reconciliação. É nele que se há de aplicar o bálsamo. A ação sobre o corpo traduz-se na vontade de superar a distância entre a carne e a consciência, de apagar a alteridade inerente à condição humana (...). O imaginário social converte, então, o corpo no lugar possível da transparência, do positivo (LE BRETON, 1995, p. 170).

O desejo homoerótico só é totalmente confirmado pelas reações corporais e libidinosas – corpo e mente, onde os dois se constituem apenas em um, numa recíproca de afeto e prazer. O homem é

um ser livre para optar por suas decisões e fazer suas escolhas. O filme *Do começo ao fim* apresenta adolescentes que vivem essa “liberdade de opção” e que a partir dela e do bom convívio com sua família passam a se descobrir.

O homoerotismo, que ocorre entre os jovens na película, pode ser compreendido a partir dos estudos de Costa (1992). Independentemente da esfera histórico-cultural que assumem e das percepções pessoais e sociais que geram, esse afeto se encontra além de elementos genitais ou características indentitárias. O relacionamento que se desenvolve na obra de Abranches, explora, assim como, a obra *O terceiro travesseiro*, a descoberta do corpo e a sua contemplação sexual, que ocorre como consumação do afeto homoerótico, pois é através desse contato com o corpo do “Outro”, que se configura a realização do desejo e dos afetos concebido entre iguais.

Teoricamente, como procuro mostrar, homoerotismo é preferível a “homossexualidade” ou “homossexualismo” porque tais palavras remetem quem as emprega ao vocabulário do século XIX, que deu origem à idéia do “homossexual”. Isto significa, em breves palavras, que toda vez que as empregamos, continuamos pensando, falando e agindo emocionalmente inspirados na crença de que existem uma sexualidade e um tipo humanos “homossexuais”, independentes do hábito lingüístico que os criou. E, ticamente, sugiro que persistir utilizando tais noções significa manter costumes morais prisioneiros do sistema de nominação preconceituoso que qualifica certos sujeitos como moralmente inferiores pelo fato de apresentarem inclinações eróticas por outros do mesmo sexo biológico. Ora, com base em outras convicções, sustento que não temos nem motivos éticos nem teórico-científicos consistentes para defender a legitimidade dessas opiniões. Nesse tópico, advirto, além do mais, que a carga de preconceitos contida no uso de palavras como “homossexualismo” ou “homossexual” é autônoma em relação à intenção moral de quem as emprega. A

questão, portanto, não é a de saber qual a crença moral que cada usuário destas noções possui, mas a de mostrar que conseqüências éticas elas acarretam ou que limites são impostos ao que podemos saber sobre o problema, quando nos limitamos a entendê-lo do modo convencional (COSTA, 1992, p. 11).

Ao se tratar do afeto homoerótico está se valorizando um desejo que é desenvolvido por sujeitos do mesmo gênero, e não, menosprezando ou ridicularizando esse comportamento como “homossexual”. O termo “homoerotismo” é utilizado como uma forma de evitar que os sujeitos sejam associados às suas preferências sexuais, o que é muito forte diante de nomenclaturas como “gay” ou “homossexual”. Quando alguém se coloca como “gay” ou “homossexual”, o ouvinte dessa declaração identifica tal sujeito como sendo portador de várias características que ele, esse ouvinte, considera relacionadas a um “comportamento” *gay*.

O posicionamento de Thomás e Francisco é de dois sujeitos que preservam suas características físicas masculinas, ou seja, não alteram sua forma de se vestir, agir ou se comportar em razão da orientação sexual. Eles estabelecem uma relação homoerótica, onde dois jovens descobrem um afeto e uma grande afinidade entre ambos, sem perder elementos de masculinidade com o início do relacionamento. O que pode se refletir em uma cena, na qual Francisco participando de uma festa acaba despertando o interesse de uma jovem, por manter em sua personalidade características que o constituem como heterossexual – atraindo o sexo oposto.

Thomás, por sua vez, é um nadador notório, um esportista dedicado à profissão que se esforça para alcançar reconhecimento. O esporte é considerado desde a Grécia antiga uma atividade viril – representado por corpos musculosos, definidos, capazes de suportar demasiados esforços. O jovem nadador corresponde à figura heteros-

sexual, ao expressar através do esporte sua masculinidade. Por conseguinte, pode-se depreender que o filme não constrói personagens homossexuais, mas sentimentos homoeróticos, que dois homens passam a desenvolver ao se relacionarem.

O sentimento que surge de Francisco por Thomás ainda na infância, é refletido pelos familiares como uma nova forma de se amar. O que é colocado em questão no cinema, não é como cada um se comporta, seus gestos e inclinações homossexuais, mas o que o desejo que eles sentem pode gerar nos demais. Para o autor o meio audiovisual também carrega uma verdade,

No mundo pós-literário, é possível que a cultura visual mude a natureza de nossa relação com o passado. Isso não implica em abandonar nosso conhecimento ou que estes sejam falsos, e sim reconhecer que existe mais de uma verdade histórica, ou que a verdade que trazem os meios audiovisuais pode ser diferente, porém não necessariamente antagônica, da verdade escrita. [...] O cinema, como suas características peculiares, na hora de abordar uma reconstrução, está lutando por adquirir um lugar numa tradição cultural que durante muito tempo privilegiou o discurso escrito (ROSENSTONE, 1998, p. 115).



O cinema, assim como a literatura, carrega uma verdade, que não está no registro escrito como nas formas tradicionais, mas em imagens visuais. Mesmo que sejam ficcionais, tanto obras literárias quanto cinematográficas, elas configuram um espaço de representação da realidade. E nesse espaço, o homem passa a ser refletido em personagens que dão formas: as angústias e mazelas que muitas vezes a sociedade oculta. Assim, o objetivo de Abranches com a obra *Do começo ao fim* (2009), não é a de defesa da homossexualidade, mas de defesa do amor, do afeto imanente ao ser humano, que ocorre entre Thomás e Francisco, uma relação romântica e afetiva que pode-

ria ser o enredo para quaisquer sujeitos, pois o que importa na obra não é a identidade sexual, mas a reflexão dos afetos.

Considerações finais

As obras *O terceiro travesseiro* e *Do começo ao fim*, abordam narrativas ficcionais de adolescentes que se encontram num processo de descoberta de si e dos seus corpos. É a partir do âmbito familiar e escolar, que o desenvolvimento desses afetos se afloram, colocando em choque essa “descoberta”, com uma conjuntura social.

O romance de Carvalho, os personagens de Marcus e Renato, passam de uma grande amizade para um sentimento amoroso, um desejo sexual, que os envolvem, e que os levam a descoberta da sexualidade. Ao se descobrirem, eles também encontram uma nova vida, livre das amarras patriarcais.

Thomás e Francisco na produção cinematográfica de Abran-ches estabelecem desde o nascimento um laço de carinho entre ambos, o que é fortalecido na infância – onde os meninos também se descobrem ligados afetuosamente. A relação íntima dos “meio irmãos” leva à família a reflexão, que lida com tranquilidade e compreensão diferentemente da obra literária.

Em ambas as narrativas, é o discurso homoerótico que é posto em questão. O sentimento homoerótico é potencializado pela não realização desse estímulo ou impossibilidade, já que o homoerotismo mostra-se forte no conflito dos personagens, que não cedem às convenções e assim são capazes de transgredir. Além disso, em nenhum momento, nas duas obras, será possível identificar algum personagem na condição de homossexual, já que é o desejo dos personagens que está em foco e não uma identidade.

Contudo, a abordagem de ambas as obras está no conflito das personagens, que se constroem a partir de uma inquietude que surge da presença do sentimento homoerótico, sendo mais do que simples representação de uma realidade homossexual. Analisa-se, a homotextualidade das duas produções, calcadas na potencialização do sentimento homoerótico, presente no conflito que estrutura as narrativas, e não na construção de uma homossexualidade.

Referências

- ABRANCHES, Aluizio. *Do começo ao fim*. Rio de Janeiro: Riofilme, 2009.
- CARVALHO, Nelson Luiz. *O terceiro travesseiro*. São Paulo: Mandarin, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoeerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.
- MIELI, Mario. *Elementi di critica omosessuale*. 2 ed. Turim: Einaudi, 1978.
- MORENO, Margarita, JIMÉNEZ BARRIENTOS, Jorge. *La construcción del cuerpo homosexual masculino en la literatura*. *Stylistica*. n° 4. Sevilla, 1995-96, p. 33-41.
- ROSENSTONE, Robert. *História em imagens, História em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens*. In.: *Olho da História: revista de história contemporânea*. n.5, 1998.

Recebido em 25/02/2017

Aceito em 08/07/2017